

4ª fita: SÔNIA/IOLE (2ª fita de duas) – LADO A

Sônia – Depois a gente volta a falar sobre o negócio da imagem.

Iole – Tá.

Sônia – Mas às vezes o que eu fico pensando, quando eu vejo o seu trabalho.

INTERRUPÇÃO DA GRAVAÇÃO DURANTE SEGUNDOS

Sônia – ...a capacidade de aderir sem estar aderido ao espaço. Cada vez mais ele adquire essa inteligência do espaço já a priori e eu fico achando, Iole, que isso passa a ser um problema para os artistas, para nós aqui no contexto brasileiro, entendeu? Porque? Porque você não tem um espaço reconhecido publicamente posto como um espaço, como uma esfera da arte do trabalho de arte. Então, qual vai ser a possibilidade de atrito, de diálogo, incisivo, produtivo desse trabalho na medida que ele se oferece para um espaço que na verdade que não existe, que não tem consistência.

Aí eu fico pensando na reflexão da Otilia, a Otilia acabou de lançar um livro, uma série de ensaios sobre arquitetura e tem muitas coisas que eu discordo, que é uma visão inteiramente catastrófica, uma visão francesa do mundo, do mundo virtual, parará, parará, mas nesse texto dela, ela fala que a arquitetura brasileira traz externamente a idéia dessa racionalidade moderna, quer dizer, de conquistar, de ocupar o espaço, na medida que ela acaba sendo vista quase como um patrimônio, porque ela não encontra um chão real aonde se implantar, pelo contrário, um espaço anárquico, que contraria qualquer idéia de projetualidade, de racionalidade, então transpondo-se o que é possível essa avaliação severa para o campo das artes plásticas, eu te pergunto se não é um risco para o trabalho, dele abrir um flanco de discussão para um interlocutor inexistente. Mas essa é uma questão que se apresenta não só para o artista, ...

Iole – Mas você não tem outra saída. Se não abrir esse flanco ... O trabalho tem que ir forçosamente se colocando e provocando essa discussão e tentando, através dessa provocação, constituir essa idéia.

Sônia – Essa é uma questão que talvez não tenha resposta, talvez os trabalhos se desenvolvam a partir do enfrentamento interno desse problema. E um dos sintomas que eu vejo, das novas iniciativas de inserção de esculturas em espaço público e já tem sido feitas de maneira muito mais inteligente, mais planejada, é um trabalho

mas você vai notar que a maioria desses trabalhos, eles sempre revelam alguma torção que indica uma espécie de recusa, uma espécie de desconfiança em relação a normas desse espaço público.

Iole – Acho também.

Sônia – Uma reserva. Então seria uma pergunta a te fazer, como o trabalho vai lidar com isso, na medida em que ele está num movimento muito potente de se exteriorizar, de desmanchar toda essa, o que poderia ser visto uma certa ansiedade expressiva, como ele vai lidar com esse espaço real que na verdade não se realiza.

Iole – Eu acho que isso é um questionamento constante, e não tem resposta, não tem solução. Isso é uma circunstância. Uma outra coisa que eu acho importante é que ao perceber que é uma circunstância, o trabalho não se nega a lidar com ela. Ele podia se acanhar, podia desistir, podia estagnar.

Sônia – Ele poderia simular uma objetividade de espaço público.

Iole – Aí, é pior, que é ilusão. Eu acho que dentro do contexto contemporâneo e brasileiro, isso é um dado.

Sônia – Porque eu fico pensando assim, você pega o mais público dos nossos artistas, que a meu ver seria o Amilcar de Castro, no entanto, é um espaço absolutamente lírico e nostálgico de que se trata uma escultura do Amilcar. Uma escultura que de maneira alguma ela se apresenta fincada no espaço dela, ela tem sempre uma digressão lírica num espaço extremamente agressivo e adverso a qualquer tentativa de estabelecimento dessa lógica de um espaço público.

Iole – Acho que isso demonstra.

Sônia – Então, eu acho que quando o trabalho busca, ele sai fragilizado, ou quando busca, quando ele acredita, no caso do trabalho do Amilcar está acima de qualquer suspeita porque existe ali uma matriz histórica de um projeto que acabou não se cumprindo, mas a estrutura surgiu. Mas eu acho que ela emana como um sintoma, essa não aderência, dificuldade dela se por para um interlocutor que na verdade não existe.

Iole – Eu tenho uma certa dificuldade deEu não apreendo muito essa questão. Acho que a gente vive isso de tal maneira que, com muita sinceridade, eu não tenho distanciamento crítico suficiente para me colocar de dentro do trabalho. Eu coloco opinando. Mas eu acho que isso não é a posição de quem produz.

Sônia – Mas você sente isso, quer dizer, eu fico pensando no seu trabalho que está na marquise do MAM, que é o primeiro trabalho que

você faz totalmente posto para essa condição pública, embora que não seja nada radical, porque está totalmente protegido pela marquise, por um ajardinado no piso que torna tímida a implantação desse trabalho. Então eu pergunto se você tem uma visão crítica desse trabalho, que quando você estava fazendo.

Iole – Eu acho o seguinte. Existem determinadas colocações, tentativas do trabalho que a gente tem que enfrentar, lidar e eu quis fazer. Agora, isso é o que eu falo, eu estou sendo super sincera, eu não tenho dentro do meu trabalho, uma consciência, um rigor crítico como eu tenho sobre todas as outras questões que a gente conversou até agora. Até por isso, porque eu acho que o rigor crítico vem da experiência. Eu não passo a priori. Eu posso opinar, teoricamente, é o que eu estou fazendo nesse instante. Agora, aquele foi o primeiro. Se eu tivesse fazendo uma reflexão sobre a minha primeira frequência fotográfica, eu acho que eu teria o mesmo cuidado e a mesma sinceridade que eu estou tendo agora em relação a essas questões. Porque eu acho que eu só vou poder ter uma reflexão mais aprofundada sobre isso depois que eu tiver feito a quarta, a quinta, a sexta e sentir como foi. O que eu posso garantir é que foi uma determinação querer fazer.

Sônia – Mas veja, eu não coloco como uma fragilidade do trabalho essa não realização para um espaço público. Pode ser até um problema produtivo. Mas eu acho que certos trabalhos acabam se ressentindo na medida em que eles parecem não ter a consciência desse problema. Acho que quando o trabalho assume como uma questão poética essa irreabilidade, ele se torna muito mais produtivo.

Iole – Eu acho que só vou poder falar quando tiver feito uns quatro.